

“que obra preciosa estás a fazer!”

considerações sobre as cartas do **editor** monteiro lobato ao **escritor** lima barreto

*Emerson Tin**

Resumo

Monteiro Lobato foi um dos mais importantes editores das primeiras décadas do século XX; Lima Barreto, um dos autores mais expressivos do mesmo período. Relacionando-se exclusivamente por meio da correspondência, o editor paulista e o escritor carioca mantiveram amistosa e intensa relação, que se inicia em 1918, logo após a aquisição da *Revista do Brasil* por Lobato, e só se encerrará com o precoce falecimento do autor de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* em 1922, livro de que, aliás, a troca de cartas é testemunha de todo o processo editorial, desde a contratação

* Docente das Faculdades de Campinas (FACAMP). Traduziu e analisou os tratados que compõem *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio* (Editora da UNICAMP, 2005).

E-mail: emersontin@gmail.com

** Versão anterior bastante reduzida deste artigo foi apresentada, em outubro de 2005, no XVII Seminário do CELLIP.

Artigo recebido em 15/11/2017 e aceito para publicação em 12/12/2017.

da publicação até as estratégias de venda imaginadas pelo operoso autor de *Urupês*.

Palavras-chave

Monteiro Lobato; Lima Barreto; Correspondência.

“What a precious book you are doing!” - on the letters from editor Monteiro Lobato to author Lima Barreto.

Abstract

Monteiro Lobato was one of the most important editors within the first 20th century decades; Lima Barreto, on the other hand, was one of the most distinguished authors of the time. Between 1918 and 1922, they kept an intense and friendly relationship by mail. It started right after Lobato acquired *The Revista do Brasil* and was interrupted by the early death of Barreto. Their letters disclose details of the editorial process of Barreto's book, *Vida e morte de J Gonzaga de Sá*; from its acceptance for publishing to market strategies designed by the industrious author of *Urupês*.

Keywords

Monteiro Lobato; Lima Barreto; Correspondence.

A correspondência entre o editor Monteiro Lobato e o escritor Lima Barreto nasceu sob o signo da admiração. Já desde pelo menos 1916¹ Lobato demonstrava interesse pela obra do escritor carioca e, logo após a aquisição da *Revista do Brasil* Lobato, num tom bem humorado, mas em que se percebe a admiração e o respeito pelo destinatário, convida Lima Barreto, em carta de 02 de setembro de 1918, a escrever para o periódico:

Prezadíssimo Lima Barreto.

A Revista do Brasil deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõeszinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo. Aguardamos, pois ansiosos a resposta, uma resposta favorável.

Do confrade

Monteiro Lobato

P.S. – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto. L. (BARRETO, 1998, p. 247)²

Admirador declarado da obra de Lima Barreto, Lobato proporia, em carta de 15 de novembro do mesmo ano, a publicação de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* em condições extremamente vantajosas para Lima Barreto – condições que, ao que parece, não teria proporcionado a ninguém mais³:

A Revista do Brasil tem muito gosto em editar essa obra e o faz nas seguintes condições: como é pequena, podendo dar um volume aí de 150 pgs mais ou menos, convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal que permita vender-se o livro a 2\$000 ou no máximo a 2\$500; neste caso, proponho 50% dos lucros líquidos ao autor, pagáveis à medida que se forem realizando.

Podemos fazer mais outra proposta: a *Revista* explorará a primeira edição tirada nas condições acima, mediante o pagamento

de 800\$000 no ato da entrega dos originais e a outra três meses depois de saído o livro. (BARRETO, 1998, p. 247-248).

Comentando o ineditismo da proposta de Lobato na vida de Lima Barreto, diz o biógrafo Francisco de Assis Barbosa (1988, p. 216):

Era a primeira vez que Lima Barreto recebia uma proposta dessas. Até então, nenhum editor o havia procurado, com semelhante oferecimento. Todos os seus romances tinham sido publicados por sua própria iniciativa, pedindo, oferecendo, ou pagando ele mesmo a edição. Ainda há pouco, vendera os direitos autorais definitivos, “para todo o sempre”, de um livro, *Os Bruzundangas*, por 70 mil-réis. Quanto recebera pela publicação em folhetins de *Numa e a Ninfa?* Uma miséria, e assim mesmo aos bocados.

O gesto de Monteiro Lobato era, porém, mais de escritor que de comerciante. De colega para colega. Os dois escritores não se conheciam pessoalmente.

Apesar disso, Arnoni Prado (2004, p. 210) vê na correspondência que registra o processo de edição do *Gonzaga de Sá* uma “atitude calculada de um Lobato que vai impondo à conversa um tom profissional e cifrado”. Não é, contudo, o que parecem registrar as condições extremamente favoráveis a Lima Barreto em que o contrato de edição fora firmado. Ainda sobre a edição do livro, diria Lobato (1964, t. 2, p. 186) a Rangel, em carta de 24 de novembro de 1918:

Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, *Isaías Caminha*. É dos tais legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para edição dum livro novo, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*,

cujos originais já estão aqui. A letra é infamérrima e irregularíssima. Há trechos em que o autor positivamente cambaleia, e outros em que para para “destripar o mico”. Mas quanto talento e do bom!

Registre-se que o comentário de Lobato acerca da letra “infamérrima e irregularíssima”, além de se constituir, como já vimos até o momento, num lugar-comum da correspondência lobatiana, ecoa também a fama da péssima caligrafia de Lima Barreto, que o próprio escritor chegou a admitir num célebre artigo publicado na *Gazeta da Tarde*, do Rio, de 28 de junho de 1911, intitulado “Esta minha letra...”: “a minha letra é um bilhete de loteria. Às vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Eu devia esta explicação aos meus leitores, porque, sob a minha responsabilidade, tem saído cada coisa de se tirar o chapéu.” (BARRETO, 1961, p. 293).

A correspondência entre o editor Monteiro Lobato e o escritor Lima Barreto passa, então, a girar em torno do processo de edição de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Originais datilografados enviados de São Paulo ao Rio, provas revistas pelo autor de volta a São Paulo, as cartas de Lobato, na verdade curtos e apressados bilhetes⁴, reduzem-se às questões práticas de seu *métier* de editor. Por essa época, Monteiro Lobato falaria do excesso de trabalho em cartas a Godofredo Rangel, como na carta de 04 de março de 1919 – “aqui morre-se de trabalhar. Já temos oficinas próprias e problemas operários”, com uma breve alusão à greve dos gráficos, num ano em que houve movimentos grevistas de várias categorias por todo o país – ou na datada de 1º de maio do mesmo ano – “recebo cartas de toda parte e vou me reduzindo à epistolografia telegráfica. Zás, trás – pronto!”, que corrobora não só o intenso ritmo de trabalho da editora, mas também o estilo sintético, “telegráfico”, a que se reduzia a correspondência do escritor investido da função de editor. Ou, pelo menos, indica que até mesmo para o seu mais assíduo correspondente Lobato reservaria as mesmas justificativas.

Como se vê, o estilo “telegráfico” tinha sido adotado por Lobato não só para este ou aquele correspondente, mas para todos aqueles com quem se correspondia. Assim, não apenas a Lima Barreto escrevia cartas ou bilhetes com recados de trabalho, mas a todos com quem mantinha correspondência. Ao contrário do que sugere Arnoni Prado (2004, p. 211), não se tratava de não levar o escritor carioca “a sério como interlocutor à altura das questões estéticas e literárias”, mas, sim, de já não mais sequer tratar de “questões estéticas e literárias”. Como diria a Rangel, em carta de 20 de fevereiro de 1919, logo após a publicação do romance contratado com Lima Barreto, Lobato se sentia tomado pelos negócios, dominado pelos afazeres comerciais, “no caminho da bestificação”:

Ontem saiu o romance do Lima Barreto; sai hoje o primeiro da série Martim Francisco – e quantos na bica! O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros. Talvez o número de março já seja feito em casa. Também iniciamos a importação de papel. Ontem chegou de Santos uma partida de 40 toneladas. Já meço literatura às toneladas. Há mil coisas a atender, e o tempo voa e não dou conta do serviço. Ah, os belos dias contemplativos da fazenda! Começo a não ler nada, estou no caminho da bestificação. Três anos de vida como esta, e estou galego de balcão, com os pés virados para fora. Vendendo, vendendo coisas. Que sórdido fiquei!¹⁵

Apesar desse ritmo alucinante de trabalho na editora, Lobato dedicaria tempo, no final do ano de 1918, para redigir uma longa carta a Lima Barreto. Vejamo-la na íntegra:

São Paulo, 28-12-1918
Meu caro Lima Barreto.

Recebi as últimas provas, e acabo de rever eu

mesmo os primeiros capítulos do teu livro. Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali. Já li sim *Numa e a Ninfa* – tão maltratada editorialmente; vi lá a Daltro, Rondon de saias, e aquele soberbo quadro do João Laje com o seu charuto decidindo dos destinos da colônia, da eterna colônia, na sua preciosa qualidade de reinol... E o *Policarpo*... Acabada a leitura, o comentário é sempre o mesmo e o mais precioso de todos: “É isto mesmo!” – comentário que não pilha muito imortal famoso senhor de grossa bagagem romanesca.

O meu livro de contos... Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser, porque João do Rio o é. Mas, morando na roça, e, “curioso”, muito amigo de carpintejar, experimentei um dia aplicar às letras a arte do carapina. E mede, serra, aplaina, encaixa, embute, entrosa, lixa, enverniza, fiz uns contos para a *Revista do Brasil* como faria móveis se o material fosse madeira. Mudando-me para São Paulo, por estimação do Plínio Barreto, publiquei-os em volume. E com grande espanto, vi-me transfeito na desadorada espécie-homem de letras, com o livro a fazer carreira – positivamente... Basta dizer que já tirei em cinco meses três edições num total de 7.000 exemplares. E pelos modos por que sai a terceira (seiscentos vendidos na primeira semana), para o ano farei a quarta... Isto quer dizer que o Brasil está errado. A Academia de Letras deve despir-se da imortalidade que se outorga para vir pegar da enxó, e os carapinas de norte a sul que apanhem a pena. Donde concluo uma definição boa para o país: o Brasil é a terra onde o certo dá errado e o

errado dá certo. Quando ouço te criticarem a vida desordenada – e leio por outro lado os teus livros, firma-se-me a ideia supra. E cá comigo: se o “ordenam”, em vez de Policarpus, o Lima engorda e emudece.

Mando-te as primeiras provas para veres como vai ficar a coisa. Queres dar-te ao trabalho duma revisão final, ou...

Adeus e dispõe do

M. Lobato (BARRETO, 1998, p. 251-252)

A carta se abre como os pequenos bilhetes anteriores, com questões práticas em torno da edição do *Gonzaga de Sá*, assunto que será retomado na conclusão, antes da despedida. No corpo da carta, Lobato responde a algumas colocações de Lima Barreto, como a questão sobre a leitura de *Numa e a Ninfa*: “se você tivesse lido o meu *Numa e a Ninfa* que *A Noite* publicou e editou em quase desprezível folheto” (BARRETO, 1998, p. 250). À questão da má qualidade da edição do livro, o editor Lobato ecoa em sua carta o que fora dito pelo destinatário: “tão maltratada editorialmente”. Porém, apesar do olhar voltado para as questões editoriais – a qualidade das edições, tiragens –, o Lobato admirador de Lima Barreto por duas vezes se deixa entrever, no adjetivo “precioso” que destina primeiramente à obra em geral do escritor carioca – “que obra preciosa estás a fazer!” – e, depois, especificamente em relação aos comentários recebidos pelo romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*: “e o *Policarpo*... Acabada a leitura, o comentário é sempre o mesmo e o mais precioso de todos: ‘É isto mesmo!’ – comentário que não pilha muito imortal famoso senhor de grossa bagagem romanesca.”

Também nessa carta encontramos duas críticas, uma individualizada, a João do Rio, e outra generalizada, à Academia de Letras. Ao aludir a João do Rio e à Academia, Lobato parece ter tocado num assunto de bastante interesse de seu destinatário, a que responderá longamente na carta que dirigiu ao editor em 04 de janeiro de 1919.

A carta seguinte de Lobato data de 22 de fevereiro e, após uma breve saudação – “Saúde” –, o editor, sem rodeios, informa:

O livro está pronto. Remeti-o hoje para todas as livrarias e agentes da Revista (cerca de duzentos) de maneira que a penetração se fez em regra, com 2.000 exemplares de um baque. Mando-lhe vinte exemplares para distribuir entre os críticos do Rio e jornais. Querendo mais, peça. Para os jornais de São Paulo e resto do Brasil, já remetemos. (BARRETO, 1998, p. 254).

Ao mesmo tempo, justifica a má qualidade da edição: “a edição é matadinha, porque continua a crise de papel. Estamos montando oficina, e logo poderemos iniciar edições decentes.” Ao fim, admoesta o destinatário: “você precisa fazer aí propaganda da *Revista* e nela farei do livro.” (BARRETO, 1998, p. 254). A divulgação da *Revista do Brasil* acarretaria, em consequência, a do livro de Lima Barreto. Com isso ganhariam o autor e o editor.

Na carta seguinte, de quatro dias depois – 26 de fevereiro – Lobato alude ao recebimento de duas cartas⁶ e de um “número da *Revista Contemporânea*, onde teve a bondade de falar do meu livro”⁷, a que agradece. Mas sua preocupação de editor estava em distribuir o livro de Lima Barreto, recém-saído dos prelos:

Agora é preciso tocar o teu. Tirei 3.000, e já expedi metade para o Brasil inteiro, aos bocadoinhos. Para o Rio, onde, entretanto, se há de vender mais, mercado natural que é do teu carioquíssimo livro, mandei vinte para cada livraria, que tem negócio com a Revista (Alves, Garnier, Briguiet, Castilho, Paiva, Murilo, Boffoni, Lauria, Drummond, etc.) Mas, graças à tua recomendação sobre o Garnier, remeti mais cem a ele. Ao Schettino irá depois. Se

queres mais exemplares para dar à imprensa, avisa-me. (BARRETO, 1998, p. 255).

O editor sugere, então, ao destinatário “um estudo macabro do que foi a gripe no Rio”, para a *Revista do Brasil*. E reforça o convite: “ela espera que logo rompas pelas suas páginas com ‘A Expição’⁸, e depois com uma gripe poética.” Ao contrário do que sugere Arnoni Prado⁹, Lobato não descartara aqui o ficcionista por preferir o repórter. Anos depois, em carta de 26 de dezembro de 1925, e coincidentemente novamente acometido por uma gripe, Lobato sugeriria a Coelho Neto “um livro de memórias, ou antes de recordações, que equivalha a uma galeria de retratos dos homens retratáveis que V. encontrou na vida” (NUNES, 1986, p. 45). Estaria Lobato preferindo um Coelho Neto memorialista em detrimento do romancista? Ademais, a própria concepção literária de Lobato não fazia uma distinção tão rigorosa entre ficção e realidade. Muitos anos antes, em carta de 10 de outubro de 1911 a Godofredo Rangel, afirmaria Lobato (1964, t. 1, p. 315):

Minha literatura não é de imaginação – é pensamento descritivo; não cria – copia do natural. Em suma, sou pintor; nasci pintor e pintor morrerei – e mau pintor! Nunca pintei nada que me agradasse. Quando escrevo, pinto – pinto menos mal do que com o pincel. Copista portanto, e só. Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cérebro pensa – mas é só. E não tenho fôlego. Escrever aborrece-me – mas quando estou desenhando ou pintando, esqueço de mim e do mundo.

Muitos anos mais tarde, em carta ao romancista Flávio de Campos, datada de 13 de junho de 1938, Lobato reafirmaria suas concepções literárias:

Há duas espécies de obras, a que é feita e a que sai de dentro da gente – que sai no momento

próprio, com a naturalidade do feto a espirrar do útero materno depois dos nove meses de sono. É sempre difícil e doloroso fazer uma obra; mas é fácil e delicioso parir uma. O delicioso está no aliviar-nos de qualquer coisa que nos incomodava lá dentro – certas pressões.

Antes de mais nada, porém, meu caro Flávio, devo confessar-te que eu já morri. O que ainda anda cá pelo mundo é apenas a materialização ódica do Lobato morto. Quer que te conte como ele escrevia contos? Isso talvez te ajude no romance, esclarecendo a fisiologia estética. Lobato não fazia contos, paria-os. Não escrevia deliberadamente; só quando a coisa vinha, quando a bolsa das águas reventava e não havia remédio senão parir. Ele paria para aliviar-se de subitâneos engravidamentos – sobretudo os causados pela indignação. (NUNES, 1986, p. 50).

Assim, discordamos do articulista ao afirmar que Lobato teria descartado “o ficcionista por preferir o repórter” (PRADO, 2004, p.211), não só por a concepção literária de Lobato estar calcada numa cópia da realidade, mas também porque, ao reafirmar o convite para escrever na *Revista do Brasil*, Lobato alude ao conto de Lima Barreto, que efetivamente seria publicado no periódico, enquanto a sugestão do estudo sobre a epidemia de gripe seria descartada por Lima Barreto.

A carta se fecha com uma última notícia do editor, ciente da rede de sociabilidade a que pertencia o escritor, seguida de uma amistosa despedida: “já mandei o livro ao Veiga Miranda, que é teu amigo. / Adeus, vou cozer na cama a minha formidolosa constipação a duzentos espirros por segundo.” (BARRETO, 1998, p. 255).

Uma semana depois, nova carta de Lobato ao escritor, datada de 05 de março de 1919, em resposta a uma carta perdida de Lima Barreto, datada de 1º de março.

Lobato abre a carta, após uma saudação bastante amigável – “prezado amigo Lima Barreto” –, com uma alusão ao recebimento da carta a que responde e ao imediatismo de sua resposta: “acabo de receber a sua de 1º e conforme as instruções remeti cinquenta exemplares para o Schettino e mais vinte a você.” (BARRETO, 1998, p. 256).

Nessa carta, o “exímio farejador do êxito capitalista” (PRADO, 2004, p.207) faz entrever ao escritor os riscos de seu negócio, de sua ousada estratégia de venda em consignação, além da constante preocupação em manter informado o destinatário sobre a repercussão do livro e sobre sua distribuição:

Por aqui nenhum jornal inda tratou do seu livro, porque o carnaval tem absorvido todas as atividades. Mas sei que vai ter boa crítica. Para o norte e sul do Brasil o livro está caminhando e dos remetidos uns noventa por cento hão de chegar ao destino. O resto será devorado pelo Moloch do extravio, monstro postal que em nosso país encarece o negócio dos livros com a exigência de um tributo pesado. (BARRETO, 1998, p. 256).

Na conclusão da carta, antes da despedida, em que se coloca à disposição do escritor como “amigo e colega”, a menção ao recebimento de outro número da *Revista Contemporânea* em que se fazia referência à *Revista do Brasil*, concretizando os objetivos de Lobato de publicidade da revista, com o eventual aumento das assinaturas, e o agradecimento em tom jocoso, mas que possivelmente teria agradado o escritor carioca, marginalizado pelo *establishment* e pela *intelligentsia* da época:

Recebi o outro número da *Revista Contemporânea* e vi lá referência à revista. Muito bem. Seja sempre amigo dela que ela muito o merece, porque é uma mocinha séria, honesta, trabalhadeira, que não se aluga a governos nem engrossa os poderosos.

No mais, disponha do amigo e colega Lobato (BARRETO, 1998, p. 256).

Nova carta de Lobato a 16 de março de 1919, em resposta à escrita por Lima Barreto em 13 de março, em que ansiosamente perguntava sobre o recebimento de um manuscrito e de alguns recortes de jornal. Lobato, de modo breve, mas cordial, acusa o recebimento do manuscrito e das notícias, e paga ao escritor pela contribuição para a *Revista*: “Recebi o conto, que sairá em abril, e lá seguem 30\$000. / Recebi também o pedaço do *Rio-Jornal*, *A.B.C.* e *Contemporânea*, com a qual vamos permutar.” (BARRETO, 1998, p. 257).

O editor preocupava-se com o silêncio dos jornais paulistanos sobre o romance de Lima Barreto, mas contrabalançava o mutismo dos jornais com o louvor vindo dos escritores de seu convívio:

Os jornais daqui inda não falaram do *Gonzaga*. Esperemos.

O melhor louvor que ouvi do teu livro saiu da boca do Martim Francisco: “Às dez da noite, impreterivelmente, vou para a cama; deixo a visita, seja qual for, e largo o livro, seja o melhor. Mas ontem, ferrei o Lima, bateu as dez, as onze, as doze, e abrindo uma escandalosa exceção só o larguei depois de findo”. Goze esta, lamba as unhas e até logo Lobato (BARRETO, 1998, p. 257).

E, à guisa de *post-scriptum*, a voz do editor, preocupado com a distribuição do livro que editara, se faz ouvir: “já entramos em contato com a Livraria Azevedo. Indique-me sempre novos livreiros.” (BARRETO, 1998, p. 257).

Por um lado, o editor Monteiro Lobato aparece, em suas cartas, imerso nos afazeres da editora¹⁰. Por outro, o escritor Lima Barreto, imerso num antigo e intenso sentimento de proscricção perante a sociedade, ansioso

pela atenção do editor, cobra-lhe respostas mais rápidas do que a sua atividade de editor e a velocidade dos Correios poderiam permitir. Assim é a carta de Lobato a 19 de março de 1919, respondendo à carta datada do dia anterior, em que Lima Barreto se queixava de “não ter até hoje resposta de três sucessivas cartas que te escrevi”:

Amigo Lima.

Já te respondi creio até que duas vezes. Tenho lido as primeiras críticas aparecidas e aqui vão as daqui. Começam a falar do livro, começam apenas. A Revista a sair no dia 25 abre a bibliografia com ele – e insistiremos; quero até dar um pedaço de capítulo.

Não saiu no último número porque a parte bibliográfica já estava composta quando o livro foi posto na rua. Que diabo de interpretação maluca deu você ao caso¹²? Olhe que os interesses do editor e os do autor andam de braços dados...

Adeus e nunca faça mau juízo de quem tanto o aprecia como é este amigo

Lobato (BARRETO, 1998, p. 258).

Essa carta ainda não chegara ao destinatário, e novamente Lima Barreto escreveria a Lobato a 20 de março. E ainda outra a 21, quando acusa o recebimento da carta de Lobato escrita a 19, e se desculpa por suas “apreensões malucas”: “não repares nas minhas apreensões malucas (carta tua, que recebi hoje em casa). Sou assim e a vida me aparece cheia de gênios maus e de feitiços. Se, ao menos, eu ainda acreditasse em exorcismos de candomblé, mas...” (BARRETO, 1998, p. 259). A sucessão quase cotidiana das cartas de Lima Barreto ao editor Monteiro Lobato, que não conhecia pessoalmente – e que jamais chegou a conhecer – indica a crônica ansiedade de que padecia, e de que nenhum correspondente, por mais assíduo que fosse, poderia dar conta.

A carta seguinte de Lobato, sem data, é quase um curto bilhete, a que o editor, na despedida, ajunta o superlativo “atarefadíssimo”, como a justificar a brevidade da correspondência:

Lima.

O autor mandou-te por meu intermédio¹². Recebi as tuas cartas e os recortes. Muito bom o do Conde¹³. Hei de transcrever na *Revista* os melhores. Por aqui já se vende alguma coisa, mas a saída grande há de ser no Rio. Se pilhas um bom artigo no *Estado*, como aquele do Oliveira Lima, era ótimo. Do Medeiros, por exemplo. Se você se dá com ele, arranja isso. Adeus, atarefadíssimo.

Lobato (BARRETO, 1998, p. 259-260).

Noutra carta sem data, Lobato responde às solicitações de Lima Barreto, como o envio de um exemplar de *Urupês* para a biblioteca da Associação de Imprensa¹⁴ ou o contato com Ferdinando Borla¹⁵. Mas são novamente as preocupações do editor que o tomam, e informa ao escritor sobre a distribuição do *Gonzaga de Sá*:

Lima.

Cá estou às ordens do Borla. Só não achei fórmula para o que queres: apresentar-me a ele. Se ele quer entender-se comigo, o que tem a fazer é escrever-me.

Já mandei livro para a biblioteca da Imprensa. A venda do *Gonzaga* faz-se já em todo o país. Com exceção do Espírito Santo (que me parece uma ficção geográfica, e onde não tenho uma só livraria, nem um só assinante) o livro figura hoje em cerca de duzentas casas, do Amazonas ao Prata, do Borla ao Monsenhor Aquino.

Aqui em São Paulo já o livro sai, apesar dos grandes órgãos não terem deitado juízo.

Adeus.
Lobato (BARRETO, 1998, p. 260).

E, como *post-scriptum*, renova a menção ao livro de Mário Sete, endereçado ao escritor: “Mário Sete mandou-te um livro, endereçado para aqui. Fi-lo tomar rumo da Major Mascarenhas.”

Lima Barreto, no esforço de agradar ao amigo Ferdinando Borla, fundador de *A.B.C.*, revista em que escrevia com certa assiduidade, passa por cima das conveniências e pede ao editor que era requisitado que entre em contato com aquele que tinha interesse em conhecê-lo. A resposta de Lobato, longe de ser seca, é gentil e objetiva: se Borla queria conhecê-lo, ele é que deveria escrever a Lobato, e não o contrário. Tanto é assim que, em carta de 26 de março Lima Barreto escreveria: “vou falar ao Borla. Ele te dirá o que quer.”

A carta seguinte de Lobato, também sem data – a falta de datação nessa série de cartas pode ser sintomática da falta de tempo a que estava sujeito o editor, que restringia sua comunicação epistolar ao mínimo essencial –, escrita em resposta a uma carta possivelmente de 1º de abril de 1919¹⁶, abre-se com um elenco de justificativas e um pedido de desculpas, seguidos de notícias sobre o andamento das vendas do *Gonzaga de Sá*, com uma observação de leitura de Artur Neiva – exposta em termos elogiosos, tal como anteriormente a de Martim Francisco:

Lima.
Serviço, preocupação, Rui – mil coisas têm-me impedido de escrever-te. Desculparás. Recebi uma tua de 1º com um recorte. Muito bem. A coisa vai pingando. Hoje estive cá o Artur Neiva, a quem eu tinha oferecido um *M. J.* Confessou-se encantado. Leu-o de um fôlego, até o fim, sem estações do bocejo. Acha que o livro contém inúmeras verdades amargas e é de profunda psicologia. Lembrou que

no capítulo das “putas civilizadas” em vez de galeões devias ter posto caravelas.
É boa a observação, não? (BARRETO, 1998, p. 261).

Note-se que Lobato não postula foros de verdade para a observação de Neiva deixando, por meio da interrogação, a avaliação a critério do escritor¹⁷. Em seguida, o Lobato admirador de Lima Barreto ressurgue, num breve comentário do editor que continuava a ler as revistas em circulação, e a carta se conclui com a retomada do tema exposto na tríade inicial – “serviço, preocupação, Rui” –, desenvolvido ao aludir ao discurso de Rui Barbosa no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, a 20 de março desse mesmo ano de 1919. Na despedida, a promessa da tão almejada visita, nunca concretizada:

Tenho lido os teus escritos nas revistas: originais e empolgantes, como sempre.
Os meus *Urupês* foram-se. O raio do Rui me criou uma revoada cá no escritório, e é um sair de livros sem conta. Restam-me cento e cinqüenta de 7.000 tirados de julho para cá, e a 4ª edição faz-se a galope. Sorte besta!
Adeus; de repente surjo por aí e vamos nos conhecer de cara. (BARRETO, 1998, p. 261).

Pouco mais de um mês depois, a 25 de abril, Lobato escreveria a Lima Barreto defendendo o destinatário ao criticar João do Rio – numa ferina alusão ao suposto homossexualismo do escritor – e a Academia de Letras, e ironicamente aludir ao legado de que fora dotada com o falecimento do editor Francisco Alves. Segue-se, então, uma breve nota sobre Afonso Taunay, motivada por um comentário de Lima Barreto, seguido de uma rápida notícia sobre a saída do *Gonzaga de Sá*, arrematando-se a carta num resumo “adeus” como despedida:

25-4-1919.

Lima.

Recebi a tua última. Não podes entrar para a academia por causa da “desordem da tua vida urbana”; no entanto, ela admite a frescura dum J. do R. Os imortais, a contar de Júpiter, sempre viram com indulgência os Ganimedes... Enfim, são brancos, digo imortais, lá se entendem. Eu acho a academia uma bela coisa, depois que o Alves a enriqueceu. É positivamente um negócio immortalizar-se vitaliciamente. Porque duma maneira ou doutra, a renda do legado há de reverter em benefício dos frades da ordem. Talvez isso explique o recrudescimento do avança que se nota agora a cada vaga.

O Taunay vem sempre cá. Hei de lhe mostrar a tua carta, no tópico referente a ele¹⁸. Mando-te o número onde começa a Elisa Lynch. O *Gonzaga* vai saindo; algumas livrarias já repetiram o pedido.

Adeus.

Lobato (BARRETO, 1998, p. 263).

Absorvido possivelmente pelo trabalho na editora, um lapso de cerca de cinco meses se dá na correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato. Segue-se, então, uma carta de Lobato, datada de 23 de novembro de 1919, em resposta a uma carta, ora perdida, de Lima Barreto. Pela resposta de Lobato, percebe-se que o escritor carioca uma vez mais considerava descaído das boas graças do editor. Talvez Lima Barreto se queixasse ainda da baixa vendagem de seu romance, que Lobato tenta explicar pelo título do livro, que não seria “psicologicamente comercial”. A carta se arremata com uma alusão ao conto “Mágoa que rala”, que sairia publicado nos números de dezembro de 1919 e janeiro de 1920 da *Revista do Brasil* e, na despedida, novamente a referência ao excesso de trabalho, consubstanciada no neologismo “arquiatarefado”:

São Paulo, 23 nov., 1919.

Amigo Lima.

Zangado contigo, por que meu caro? O meu silêncio explica-se por excesso de serviço. Só tenho tempo de escrever aos amigos quando há negócio¹⁹. estive no Rio às pressas, e não pude te encontrar. Mas pelo próximo inverno lá irei, e conversaremos.

O teu livro sai pouco, sabe por quê? O título! O título não é psicologicamente comercial. Um bom título é metade do negócio. Ao ler o título do teu romance toda a gente supõe que é a biografia de... um ilustre desconhecido.

Quero ver se no número de dezembro sai o teu conto, que ficou esperando por ser... grande.

Adeus, e dispõe sempre do arquiatarefado Lobato (BARRETO, 1998, p. 263-264).

Um mês depois dessa carta de Lobato, a 25 de dezembro de 1919, Lima Barreto seria internado no Hospital Nacional de Alienados, de onde sairia a 02 de fevereiro do ano seguinte. Após a saída de Lima Barreto, este escreveria uma carta ao editor a 13 de fevereiro, a que Lobato responderia, em carta sem data, dando conta da sua apreensão pela internação do escritor e da alegria pela sua alta:

Amigo Lima.

Que graças! Não imaginas como nos deixou tristes e apreensivos a notícia da tua entrada para o hospício. Felizmente, soubemos pelo J. M. Belo que lá foste parar não pelo motivo que leva aos outros, mas a título de descanso, para “assentar” o organismo agitado. Já saíste. Pois muito bem e muitos parabéns.

E muito obrigado pela boa notícia que deste da revista²⁰. Não te mandei provas porque temos um bom revisor que suou com a tua infamérrima letra mas deu conta do recado. Se adotasses a datilografia merecerias uma

apoteose, e estou certo que contribuiriam para ela todos os linotipistas e revisores do Brasil.

Vou dar ao Leo a tua crítica, e ele ficará muito contente, porque visivelmente és sincero ali. Tenho dois livros a mandar-te, mas só o farei com exemplares da segunda edição, no prelo já, porque a revisão claudicou bastante na primeira.

Segue um vale postal com uns cobres magérrimos; não te magoe nem te rale a mesquinhez da nossa tarifa: nós não temos como o Laje o tesouro de São Paulo às ordens. Praticamos a imbecilidade de ser honestos num país onde só a crapulice dá dinheiro.

Adeus, meu caro Lima, e sê sempre amigo da revista, que ela o merece. Do Lobato (BARRETO, 1998, p. 264-265).

Na carta seguinte, de 31 de maio de 1920, Lobato inicia com a narrativa da tentativa frustrada de um encontro com Lima Barreto no Rio de Janeiro. Passa, então, a responder às objeções do destinatário quanto a alguns artigos d’*O Problema Vital* e, em seguida, incentiva-o a que escreva sobre o romance *Mme. Pommery*. Note-se que, caso Lobato considerasse a opinião de Lima Barreto sem peso ou importância, não diria a ele que “a *Pommery* merece o teu apoio”. Se Lobato não o levasse “a sério como interlocutor à altura das questões estéticas e literárias” (PRADO, 2004, p. 211), sequer se incomodaria em responder-lhe ponto por ponto as observações expostas em sua carta. Contudo, Lobato, como o tem em alta conta, não só lhe ouve as observações e sugestões como a elas responde de modo positivo:

São Paulo, 31-5-1920.

Amigo Lima.

Estive uns dias aí e procurei-te onde havia possibilidade de encontrar-te; freges, botequins e... casas de garapa. Cheguei a espiar debaixo

de certas mesas... Mas nada do Lima. Todos informaram-me que é difícil agarrar-te à unha, que és ubíquo, e moras em Todos os Santos *pro forma*, etc., etc. És horrivelmente caluniado! Em agosto volto, a ver o rei e você.

Tens razão no que dizes do meu livro e do nosso passado, porque a verdade verdadeira é que não somos ainda nem sequer presente – mero futurozinho, apenas. Aquele livro não tem importância nenhuma. Juntada de artigos de jornal, feitos todos com intenção flagrante de desancar antipatias e uns pedantes de cá, virou livro porque era negócio virar livro. Não te preocupes com ele, nem lhe dê importância maior do que tem, que é nenhuma.

Já a *Pommery* merece o teu apoio. É finíssimo e está sendo vítima do silêncio covarde da crítica. Ninguém – hás de crer? – atreve-se aqui a falar dele! Recordarás, falando dele, o tempo em que comíamos içás. Muito bem. E gaba esse tempo²¹. O içá é uma delícia. Inda hoje não o troco por todos os troços açucarados em francês do Alvear! Içá, pipoca, pamonha, jacuba, pé-de-moleque... não troco estas antigualhas nem por um aeroplano recheado de nuvens.

Adeus, que começo a asneiar.

Abraços do

Lobato (BARRETO, 1998, p. 266).

Em carta sem data, em que responde a uma anterior de Lima Barreto, também ora perdida, Lobato desfaz a suposição do escritor carioca de que fosse o autor da *Mme. Pommery* e, ao mesmo tempo, atiça-lhe a curiosidade, dando-lhe pistas do verdadeiro nome por trás do pseudônimo. A carta se fecha com nova promessa de visita²²:

Lima.

Sinto muito não ser o autor da *Pommery*, que é uma obra deliciosa de finura, estilo e

humorismo. Infelizmente não é certa a informação que te deram no botequim (pouah!) O outro é Hilário porque ri e Tácito porque faz história. Deve atrás dele existir um engenheiro que talvez se chame José Maria, porque as obras finais vêm sempre dos Zés Marias (Eça, Machado, etc.) Lá vai o livro, e logo irei eu também passar um mês aí, e tomar uma pinga com goma no teu informativo botequim. Adeus.

Lobato (BARRETO, 1998, p. 266-267).

Lobato voltaria ao Rio, mas novamente não se encontraria com Lima Barreto. Aparentemente magoado, em carta de 19 de outubro de 1920, escreveria a Lobato: “sei que andaste à minha procura. Não sou quilombola. Resido e moro à Rua Major Mascarenhas 26, Todos os Santos”. (BARRETO, 1998, p. 268). Lobato responderia, em carta sem data:

Lima.

Está escrito no livro do destino que não nos veremos nunca. Recebi o teu bilhete a tempo ainda de comparecer ao encontro marcado, mas adoeci, e passei de molho no quarto o meu último dia do Rio. Espero, porém, que os fados afrouxarão suas leis férreas, e um belo dia, quando menos esperarmos,

– Ó Lima!

– Ó Lobato!

e ferraremos esse abraço encruado.

Adeus,

Lobato . (BARRETO, 1998, p. 268).

Chegamos às últimas cartas trocadas entre o editor Monteiro Lobato e o escritor Lima Barreto. Aquele, cada vez mais absorvido pelos trabalhos da editora; este, com a saúde abalada, aproximando-se do precoce fim de sua vida. Após dois curtos bilhetes, ambos sem data, o primeiro acusando o recebimento e a leitura

de *Histórias e Sonhos* – “recebi, li, gostei e já passei ao crítico da revista *Histórias e Sonhos*” (BARRETO, 1998, p. 269) –, o último enviando livros ao escritor carioca, em tratamento em Mirassol, para matar “umas horas vagabundas” (BARRETO, 1998, p. 269), Lobato escreve uma carta um pouco mais longa, de agradecimento pelo artigo “A obra do criador de Jeca Tatu”, publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio, a 11 de maio de 1921²³:

Lima.

Li hoje na *Gazeta* o teu artigo e sensibilizou-me muito o que há ali de compreensão. Não imaginas como aparecem ainda artigos a meu respeito. Raríssimos, porém, dizem a palavra certa. Uns aproximam-se do que é, outros quase tocam na verdade – nenhum atinge o alvo. Tu o fizeste – deste no vinte. A incompreensão, meu caro, é o grande mal da vida, e a compreensão a coisa rara, por excelência. Tu compreendes, e me compreendeste: um sujeitinho que trabalha na sua toca, descreve o que viu e sentiu, e no fundo chora das coisas serem como são e não como deveriam ser. Só isso, tão simples e ninguém acerta. Os críticos comprazem-se em malabarizar sobre as teorias e explicações mais difíceis, que vão procurar longe, esquecidos sempre que a verdade anda-lhes ao pé, caseira e humilde.

Quando termina esse retiro bucólico?

Lobato (BARRETO, 1998, p. 270).

Editor atento ao mercado e, ao mesmo tempo, preocupado com a vendagem dos livros de seus contratados, Lobato vislumbrara na menção honrosa ao *Gonzaga de Sá* pela Academia Brasileira de Letras a chance de esgotar os últimos exemplares da primeira edição que ainda restavam e reveste-os com uma capa nova, de cores mais chamativas e com a alusão à honraria acadêmica – num procedimento que se tornaria bastante comum décadas mais tarde, e mesmo hoje em dia, com os livros

que são adaptados para o cinema ou a televisão e que ganham um fôlego a mais em suas vendagens com a menção às adaptações –, o que comunica a Lima Barreto em carta sem data, mas posterior a abril de 1921, mês em que o romance recebeu a aclamação da Academia. Lobato conclui a carta com uma nova promessa de visita a Lima Barreto no Rio, em Todos os Santos, e um jocoso e amistoso trocadilho – “és um deles?”:

Lima.

Mando-te um *Gonzaga* de roupa nova. É um resto da 1ª edição que enfeitei para apressar a saída.

Recebi tua carta, e sei que o teu recomendado me procurou. Mas houve desencontro. Em princípios de julho vou passar uns dias aí e hei de procurar-te em Todos os Santos. És um deles?

Lobato (BARRETO, 1998, p. 270-271).

A 19 de setembro de 1921, nova carta de Lobato, agradecendo a cópia de uma carta de John Casper Branner a Capistrano de Abreu, com uma alusão ao autor de *Urupês*:

São Paulo, 19-9-1921.

Lima.

Recebi a tua e a cópia inclusa do Branner. Obrigado. Esse norte-americano é um tipo curioso: acompanha as nossas letras com grande interesse e anda a par de tudo que aparece. Tenho me correspondido com ele, admirando-lhe o senso crítico e a capacidade rara de apreender minúcias de brasilidades.

Adeus. Dispõe do

Lobato (BARRETO, 1998, p. 271).

A última carta de Lobato a Lima Barreto data de 05 de março de 1922, oito meses antes do falecimento do destinatário. Escrita em resposta a uma carta de Lima Barreto, ora perdida, em que este teria sugerido a

edição de um novo livro, a carta de Lobato polidamente recusa a proposta – não era a primeira vez que Lobato recusava a publicação de um livro²⁴:

São Paulo, 5-3-1922.

Lima.

Recebi a tua. Vontade não me falta de editar o teu livro, mas impossível. Estamos de tal modo abarrotados que não cabe mais ninguém na canoa. Infelizmente o Brasil não ajuda a gente, e não é só editar – é mister vender, e a venda é sempre lenta, horrorosamente lenta. Edita-se um livro em dois meses: para vendê-lo, dois anos. De modo que não há remédio senão remanchar.

Adeus, meu caro Lima. Espero que venha uma folga que me permita contratar contigo qualquer coisa.

Lobato (BARRETO, 1998, p. 272).

Sobre essa carta, afirma Arnoni Prado (2004, p. 212): “o que se segue, depois de uma nova promessa de visita pessoal ao amigo em Todos os Santos, é a seca recusa de um novo texto de Lima Barreto: a editora, já estabilizada, não precisava mais dele. Como lhe dirá Lobato, estava a tal ponto abarrotada que já ‘não cabia mais ninguém na canoa’ (XLVII, 5 mar. 1922).” Ora, se o próprio articulista admite que *Gonzaga de Sá* havia sido um fracasso editorial, o que teria obrigado o editor Lobato a “desfazer-se dos encalhes” (PRADO, 2004, p. 212), como então imaginar que Lobato, ao recusar um novo texto de Lima Barreto o estaria fazendo porque a editora já estava estabilizada e não precisava mais dele?

A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto, ao contrário de registrar a exploração de um grande escritor por um editor com “natural propensão aos negócios”, um “exímio farejador do êxito capitalista”, com “atitude calculada”, “impondo à conversa um tom profissional e cifrado” (PRADO, 2004, passim), registra,

sim, a relação entre dois homens de letras, ocupando momentaneamente posições antagônicas, em que um deles, Lobato, o editor, era admirador confesso do outro, Lima Barreto, o escritor. Não se pode perder de vista, todavia, que Lobato apenas momentaneamente estava investido da função de editor: era escritor e sabia muito bem como funcionava o sistema literário. É por ocupar uma posição privilegiada, por ser um editor que poderia enxergar com os olhos de escritor, que podemos entender os motivos de conceder a Lima Barreto condições contratuais tão favoráveis. No fim da relação entre editor e escritor, se a canoa estava abarrotada, aproveitando a metáfora, Lobato simplesmente não veda a passagem a Lima Barreto: assim que houvesse uma folga, voltaria a editar-lhe os livros. A morte precoce do escritor, no entanto, é que pôs fim à amizade que existia.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás – Artigos e crônicas*. 2. ed. Prefácio de Jackson de Figueiredo. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. 2 t.

NUNES, Cassiano (org.). *Monteiro Lobato vivo...* Rio de Janeiro: MPM Propaganda; Record, 1986.

PRADO, Antonio Arnoni. A correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato. In: _____. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 207-215.

Notas

1 A despeito do que supõe Antonio Arnoni Prado (2004, p. 208), ao afirmar não saber “até onde ia o interesse de Lobato pela sorte de um mulato marginalizado que até então não lhe merecera a menor atenção”, Lobato já em 12 de agosto de 1916 registrava o seu interesse pelo romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em carta a Godofredo Rangel: “também segue a opinião do Medeiros e Albuquerque sobre o *Policarpo Quaresma*. A do Osório não vale nada. Esse Osório não é Osório, nem Duque, nem Estrada; é um cretino insolente. Crítico!... Crítico é Taine. Crítico é Araripe Júnior.” (LOBATO, 1964, t. 2, p. 100). E, em 1º de outubro do mesmo ano, perguntaria a Rangel: “Conheces Lima Barreto? Li dele, na *Águia*, dois contos, e pelos jornais soube do triunfo do *Policarpo Quaresma*, cuja segunda edição já lá se foi. A ajuizar pelo que li, este sujeito me é romancista de deitar sombras em todos os seus colegas coevos e coelhos, inclusive o Neto. Facilimo na língua, engenhoso, fino, dá impressão de escrever sem torturamento – ao modo das torneiras que fluem uniformemente a sua corda d’água. Vou ver se encontro um *Policarpo* e aí o terás. Bacoreja-me que temos pela proa o romancista brasileiro que faltava.” (LOBATO, 1964, t. 2, p. 108). Aliás, o próprio Arnoni Prado (2004, p. 208) afirma que Lobato havia descoberto Lima Barreto “dois anos antes nas páginas da revista *A Águia*, e a quem logo remeteria uma carta para dizer-lhe que pressentia

nele 'o segredo de bem ver preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos literatos' [sic] (I, 2 set. 1918)". Assim, não nos parece que o interesse de Lobato por Lima Barreto tenha surgido tão subitamente, como quer fazer parecer o articulista.

2 Todas as cartas citadas neste artigo serão transcritas dessa edição. Registre-se, ainda, que a correspondência entre os escritores, que havia sido publicada por Edgard Cavalheiro em 1955 (*A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura), acaba de ser relançada com organização de Valeria Lamego (Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2017), o que renova o interesse na relação epistolar entre o editor paulista e o escritor carioca.

3 Poucos meses depois, em contrato assinado a 25 de julho de 1919, acordariam Lobato e Oliveira Vianna pelo pagamento de "trinta por cento (30%) dos lucros líquidos, à medida que as livrarias revendedoras forem liquidando as suas contas", o que reforça a tese das condições vantajosas do contrato proposto a Lima Barreto (Contrato de transferência do direito de publicação de *Populações meridionais do Brasil*, manuscrito. Casa de Oliveira Vianna, Niterói – RJ).

4 Consultados os manuscritos originais, depositados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vê-se que muitos desses bilhetes eram escritos em cartões de visita, o que também condicionava a extensão da mensagem.

5 Note-se que o mesmo fenômeno ocorre com outros correspondentes assíduos de Lobato no período. Na correspondência com Arthur Neiva, por exemplo, não há registro de nenhuma carta no ano de 1919, e existem apenas duas no ano de 1920. É de se supor que se tratasse de um período de intenso trabalho na casa editorial recém-formada.

6 Uma das duas cartas recebidas por Lobato deve ter se perdido. Isso porque nesta carta de 26 de fevereiro de 1919 Lobato se refere a uma "recomendação sobre o Garnier" que Lima Barreto lhe teria feito, mas que não se lê na carta de 24 de fevereiro. Assim, é de se supor que essa "recomendação" estivesse exposta na outra carta a que alude o editor.

7 Na carta de Lima Barreto, datada de 24 de fevereiro de 1919, a que Lobato responde, lê-se: "No nº 22 deste mês, na tal *Contemporânea*, eu ligeiramente fiz algumas considerações sobre o *Urupês* e o *Problema vital*. Leste? Pedi aos empresários que te mandassem um exemplar. Vou verificar." (BARRETO, 1998, p. 255).

8 "Rebatizado para 'Mágoa que rala', saiu em dois números da *Revista do Brasil*, em dezembro de 1919 e janeiro de 1920 e foi incluído no volume *Histórias e Sonhos*. Cf. BARRETO, Lima, *op. cit.*, vol. VI, 1956" (nota de Bernardo de Mendonça. In: BARRETO, 1998, p. 255).

9 "Lobato, que já uma vez descartara o ficcionista por preferir o repórter (XIII, 26 fev. 1919), permanecerá impassível" (PRADO, 2004, p.211).

10 Não só nas cartas, mas também noutros textos, de origem que poderíamos considerar insuspeita, como na entrevista concedida a Oswald de Andrade para o primeiro número da revista *Papel e Tinta*, a 31 de maio de 1920, em que Lobato aparece "em mangas de camisa, à americana", amarrando os volumes da *Revista do Brasil* para serem remetidos pelo correio: "cintava com admirável habilidade os volumes iguais e cinzentos da *Revista do Brasil*" (entrevista transcrita em: AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p.125-129). Efetivamente presenciada por Oswald, ou fruto de sua imaginação, a cena pinta de modo bastante verossímil como deveria ser a atuação cotidiana do Lobato editor.

11 Na carta de 18 de março, Lima Barreto teria sugerido sofrer alguma espécie de preterição: “sem atinar com o motivo por que não possas querer dizer nada sobre o meu trabalhinho para a *Revista do Brasil* enviado, fiz a suposição de que ele não estava bom ou não se coadunava com a orientação da mesma.”

12 “O autor é Mário Sete e o livro mandado, *Rosas e Espinhos*.” (nota de Bernardo de Mendonça. In: BARRETO, 1998, p. 259).

13 Alusão a um artigo do Conde de Afonso Celso, publicado no *Jornal do Brasil*, cujo recorte Lima Barreto havia remetido a Lobato junto a carta de 20 de março de 1919: “junto a esta encontrarás um retalho do *Jornal do Brasil*, com uma notícia do *Gonzaga de Sá* da pena do Senhor Conde de Afonso Celso. / Agradou-me muito e creio que a ti agradará.”

14 Lima Barreto, na carta de 20 de março, dizia: “escrevo-te da Associação de Imprensa, na biblioteca, cujo bibliotecário reclama um *Urupês* para a mesma.”

15 Na carta de 21 de março, Lima Barreto aproximava Ferdinando Borla e Monteiro Lobato: “toda a gente, hoje, quer conhecer Monteiro Lobato, aqui, no Rio de Janeiro. Entre elas, o meu camarada Ferdinando Borla, fundador do *A.B.C.* e que está hoje à testa de uma pequena revista, *Hoje*, cujo primeiro número

deves receber. Apresento-te a ele e peço-te que acuses a apresentação, pois ele deseja muito travar relações contigo. [...] O endereço do Borla é Rua Gonçalves Dias, 30, 5º andar. Rogo-te acusares a apresentação.” (BARRETO, 1998, p. 259).

16 Essa carta de Lima Barreto deve estar perdida, pois não foi publicada em nenhuma das edições consultadas, embora não haja qualquer observação nesse sentido.

17 Na carta de 08 de abril de 1919, Lima Barreto responderia: “dirás ao Neiva que ‘caravelas’ seria mais exato no tocante ao Brasil; mas ‘galeão’ é mais literário, mais conhecido, pois eram em navios dessa ordem que se transportavam as riquezas do Peru e do México. O mundo inteiro ficou conhecendo, devido à importância política da Espanha, os galeões do México; mas as caravelas do Brasil, não. Portugal já era uma feitoria da Inglaterra quando elas levaram o ouro de Minas para a Europa.” (BARRETO, 1998, p. 262).

18 Trata-se de nota final a uma carta de Lima Barreto, sem data: “N. B. – Se tens relações estreitas com o Afonso Taunay, podes dizer-lhe que a gente média do Rio de Janeiro, mais ou menos contemporânea da guerra do Paraguai, tem a crença de que o imperador detestava o López, porque entre ele, quanto estudava na Escola Central e frequentava o paço, e a princesa Leopoldina houvera namoro. Já de mais uma boca

tenho ouvido isto, mas meu pai contesta furiosamente.” (BARRETO, 1998, p. 263).

19 Lobato afirma claramente, num tom que se poderia dizer de desabafo: “o meu silêncio explica-se por excesso de serviço. Só tenho tempo de escrever aos amigos quando há negócio”. Muito diferente do sentido que atribui Arnoni Prado (2004, p. 211) ao trecho: “[Lobato] deixa claro que pouco tempo teria agora a perder com os amigos, advertindo que só procuraria as pessoas em razão dos negócios”. Há uma grande diferença em afirmar “só ter tempo de escrever aos amigos quando há negócio”, o que diz efetivamente Lobato, e “ter pouco tempo para perder com os amigos”, a leitura da carta pelo articulista.

20 Lima Barreto, na carta de 13 de fevereiro de 1920, agradeceu o cuidado da revisão de seu conto publicado na *Revista do Brasil*: “Li o meu conto na *Revista*. Agradeço o cuidado da revisão.” (BARRETO, 1998, p. 264).

21 Em carta de 18 de maio, Lima Barreto havia afirmado estar preparando “um artigo sobre a *Mme. Pommery* que muito me impressionou. Vou publicá-lo na *Gazeta*. Até lá, tu e o autor não perdem por esperar, tanto mais que – *apud* Couto de Magalhães – *Viagem ao Araguaia* – vou relembrar, à vista das elegâncias de *Mme. Pommery*, o tempo em que vocês comiam ‘içá’.”

22 Note-se que as promessas de visita são um tema constante na correspondência lobatiana do período. Também a Arthur Neiva, que residia no Rio, Lobato sempre repetia a promessa de horas de conversa regadas ao *chopp da Brahma*, como vimos no capítulo anterior.

23 Esse artigo foi incluído posteriormente no volume *Impressões de leitura* (Brasiliense, 1956).

24 Na Série Correspondência Passiva do Fundo Monteiro Lobato do CEDAE encontramos cartas de vários escritores propondo a publicação de livros por Monteiro Lobato, livros que não vieram a ser publicados pelo editor: é o caso, por exemplo, de Humberto de Campos (carta a Monteiro Lobato datada de 31 de maio de 1919), de Coelho Neto (cartas a Monteiro Lobato datadas de 16 de julho de 1920 e 17 de fevereiro de 1921) ou de Medeiros e Albuquerque (carta a Monteiro Lobato datada de 29 de setembro de 1922).